

A DESPEDIDA

Francisco Neto Pereira Pinto¹

Sabia a moça que aquela seria mais uma ocasião em que ficariam juntos, mas que era primeira noite em que compartilhariam a mesma cama a noite inteira e não podia mensurar a dimensão do que representava isso. Estava meio ansiosa e ao mesmo tempo se sentindo lisonjeada e desejada, era o efeito do convite feito pelo garoto com quem há algum tempo vivia algo que tacitamente se podia dizer ser um relacionamento que se materializava em práticas gozosas naquele tempo de descoberta dos corpos sensíveis e sexuados, e isso se dava nos encontros que tinham em qualquer lugar que julgavam seguro para as incursões que um fazia no corpo do outro.

A casa estava vazia, seriam eles aquela noite seus únicos habitantes. A vila agora padecia por falta de energia e as ruas de quaisquer movimentos e, até mesmo, de qualquer um bêbado a andar sem rumo por qualquer lugar. Silêncio e escuridão. Os dois a sós, no quarto. Ele a amava e a iminência do amanhecer o deixava apressadamente consciente disso. Lapsos desse sentimento estranho estavam assombrando a tranquilidade que lhe era costumeira naquela relação que até então ele pressupunha apenas carnal, jamais lhe ocorreu que pudesse sentir aquilo que alguns insistem em chamar de amor. Talvez fosse isso falta de necessidade de pensarem nessas coisas de conceito enquanto tinham um ao outro todas as vezes que seus corpos juvenis assim reclamassem.

A moça semidespida, vestida apenas pelas roupas íntimas, sentou-se na cama, no escuro, no silêncio; era apenas ela e seu amado e a noite inteira à frente. O rapaz, ainda de pé, tirava a pouca roupa costumeira e não havia pressa; era lentamente que o

¹ Mestrando da Universidade Federal do Tocantins (UFT)

tempo passava. Ele a amava e precisava naquela noite concretizar seu desejo que só tinha crescido nos últimos dias, o de verbalizar à amada aquela coisa que pouco a pouco lhe parecia mais nítido, que ganhava contornos e que ele concluía que só poderia ser amor.

Sentada na cama, tinha os pés no chão a moça. O rapaz aproximou-se, em silêncio. Havia, ali, em palavras economia, mas cumplicidade e sintonia e podiam ouvir, um do outro, a respiração e do rapaz, os passos no chão. Ele nem precisava vê-la para saber como encontrá-la, seu olfato já estava acostumado ao perfume de sua pele e poderia de mil distingui-la, ainda que no escuro; estava agora bem próximo, diante dela. Como dizê-la que a amava? O fato é que não fazia parte do seu jeito essa coisa de se falar do que sente, aliás, se aprende desde cedo que homem sente segundo outros modos, que falar dessas coisas de sentimentos é coisa de mulher, e seu jeito homem de sentir há muito era exercitado. Por que então essa vontade louca de falar daquilo que agora era maior que seu corpo e que parecia querer escapar da ponta da língua direto ao ouvido daquela moça ali, diante de si, baforando hálito quente, aroma que o incendiava corpo e alma? Ela era sua Remédios, bela deste mundo, que nunca perdeu sua pureza por ser sua.

Foi tomada por uma sensação que vinha das partes de baixo e que lhe tomava o corpo de sobressalto, estranhamente avassaladora. Eram os gestos do amado ao abraçá-la ao meio enquanto ela se mantinha sentada sobre a cama e ele sobre os joelhos dobrados. Maneira de dizer seu amor sem palavras? Talvez por rudeza, pela falta de jeito, talvez por vocabulário falto, por falta de traquejo com as palavras, um Fabiano da vida? Talvez pela dor mesmo em articulá-las. Talvez Saramago diria que mesmo um sujeito como aquele tem sentimentos ele estava ali agora sedento de um modo de expressá-los.

Sentira ela os braços dele tomando-a toda para ele e sua face tocar-lhe o ventre de um jeito desesperado como querendo consumi-la todinha para que ela ficasse perenizada em sua vida e nem um tantinho dela lhe escapasse nunca. Tudo era escuro e silêncio, na rua e no quarto. Ele a tinha em seus afagos e respirava ofegante

dentro dela. Estava confusa, não entendia bem o que o rapaz fazia ao amá-la agora de modo diferente, tão efusivo, delirante, faminto, como-se dali não fosse restar mais nada. Sentia-se constrangida e amada, tudo ao mesmo tempo. Não havia palavras. E ele permanecia de joelhos entre suas pernas, sentindo em sua face o sangue que corria nas veias, os músculos que se contraíam no ventre da amada e o calor que emanava de sua pele tão quente. De amor.

Diante do impronunciável gesto do amado, a moça tinha as mãos ocupadas em acariciá-lo o pescoço e os cabelos curtos. E se acostumava. E ele a abraçava forte, vez após vez. Sentia seu cheiro e ela respirava dentro dele, o seu amor.

Amou-a, pela última vez.

Na manhã seguinte, sem nada dizer, ele tomou o ônibus e partiu, foi do Norte, por vontade dos pais, rumo ao Centro-Oeste; ida para não mais voltar.

Com a poeira, suas histórias, o vento as dissipou. E ela nunca mais foi Remédios, só Amaranta, foi assim que ela passou a se chamar.